

Os usos que os jovens fazem da internet: Relações com a escola

How young people use the Internet: Relations with the school context

Juliana Santos Albach¹

Universidade de São Paulo, USP, Brasil

Resumo

Este artigo tem como objetivo discutir de que formas os jovens estudantes de uma escola pública em São Paulo utilizam a internet para dar conta de suas tarefas escolares e, desse modo, entender como eles utilizam os recursos disponíveis na internet como ferramentas pedagógicas. Este trabalho é parte de uma investigação de Mestrado, de caráter qualitativo, que utilizou como instrumentos entrevistas e questionários. Partiu-se da hipótese de que, com o advento da internet, algo se alteraria nas dinâmicas escolares, uma vez que a internet seria uma fonte de saber para os alunos que permitiria um diálogo com a cultura escolar. Seria um mecanismo que poderia alterar a relação que os jovens estabeleceriam com o saber escolar, favorecendo a mobilização dos alunos para a aprendizagem. Constatou-se, no entanto, que o uso que os jovens entrevistados fazem dos recursos disponíveis é apenas instrumental e depende dos conhecimentos intuitivos que eles já possuem e que não são adquiridos na escola. As atividades escolares continuam sendo propostas da mesma maneira como o eram antes de a internet figurar como fonte de pesquisa. Concluiu-se, então, que a internet, até o momento, não conseguiu alterar as dinâmicas escolares e que a escola deixa de utilizar as ferramentas da internet para potencializar as aprendizagens. A cultura escolar, enfim, não dialoga com os saberes retirados da internet pelos alunos, deixando de relacionar-se com parte da cultura desses alunos, pouco mobilizados para a aprendizagem escolar nos moldes habituais.

Palavras-chave: Internet, Escola, Juventude, Cultura escolar.

Financiada pela CAPES durante parte do período.

Abstract

This article aims to discuss how the young students of a public school in Sao Paulo use the Internet to resolve their school assignments, and thus understand how they use the resources available on the Internet as pedagogical tools. This study is part of a qualitative master's research which used interviews and questionnaires as instruments. We started from the assumption that the advent of the Internet would bring some change to school dynamics, because it would be a source of knowledge for students that would allow interaction with school culture. It would be a mechanism that could alter the relationship that young people establish with school knowledge, promoting the mobilization of students for learning. However, we noted that the use young respondents make of the available resources is only instrumental, and depends on the intuitive knowledge they already have, which is not acquired in school. School activities are still being proposed in the same way as they were before the Internet appeared as a research resource. We conclude that the internet has failed to change school

¹ Mestre em Educação pela Universidade de São Paulo, Pedagoga, formada pela mesma universidade, atuando como Professora de Informática Educativa na Prefeitura de São Paulo. E-mail: ju_albach@yahoo.com.br

dynamics so far, and that the school no longer uses the tools of the Internet to enhance students' learning. In short, school culture does not interact with the knowledge students gathered from the Internet, failing to relate with a part of the culture of these students, who are little mobilized by the usual learning modes.

Keywords: Internet, School, Youth, School culture.

Funded by CAPES during part of the period.

Introdução

A internet atualmente figura como meio de comunicação importante para se compreender as relações estabelecidas entre as pessoas e o mundo que as cerca. Ela é responsável, junto com outros meios comunicacionais por constituir maneiras diferentes de construção de relações entre humanos. São tecnologias que fazem surgir outras relações com o vivido, fomentando aprendizagens mediadas entre as interações dos seres humanos e o meio em que vivem.

Pensando-se exclusivamente no processo de ensino, são usadas tecnologias instrumentais, simbólicas e organizadoras que servem para modelar o desenvolvimento dos indivíduos e as formas como estes apreendem o mundo. Ou seja, a escola tem como função transmitir conhecimentos fomentadores da aprendizagem de técnicas, habilidades e saberes relacionando-se com o mundo na medida em que promoveria uma continuidade social. Nessa relação com o mundo implicada pela educação escolar é preciso salientar que as tecnologias da informação e comunicação poderiam dar acesso a diversas formas de informação, inaugurando uma maneira diferente de obter conhecimentos. Dentre essas tecnologias, a internet pode funcionar como um ambiente propiciador de uma relação com informações que podem servir à escola no intento de educar as novas gerações.

Pensando a escola como instituição cuja função social é transmitir conhecimentos especializados (no sentido daqueles que só poderiam ser aprendidos ali, e não em outros ambientes, como a família, ou o trabalho) e que poderiam ser potencializados (tornando-se mais significativos para os jovens) com o uso didático da internet, foi feito um estudo para obtenção do título de mestre em Educação, visando compreender como, de fato, dá-se a relação entre internet e escola na tarefa de educar os jovens, por meio da investigação numa escola de Ensino Fundamental pública do município de São Paulo, observando especificamente como os jovens faziam pesquisas escolares e como esse uso era recebido pela escola. Assim, problematiza-se o uso da internet como fonte de conhecimento na esfera escolar, mediante o olhar dos jovens, pois são os personagens que mais a utilizam.

A Internet

As tecnologias eletrônicas da informação alteraram nossas dinâmicas de vida, reestruturando nossas relações com a cultura. Marcadamente, o computador tornou-se o exemplo da técnica que altera a realidade (pensando-se nos usos que se fazem dele). Não há como negar que ele, conjuntamente com a internet, instaurou novas relações humanas e com o conhecimento. Modificou nossas relações com o mundo, com os outros e como nos relacionamos com nós mesmos. Reestruturou nossa configuração

de pensamento a tal ponto que vem alterando nossos conceitos mais fundamentais, ou seja, nossas noções de tempo e espaço, tornando-as mais fluídas e fragmentadas. Do ponto de vista dos mais jovens, a internet é um meio já instituído, presente em suas vidas desde praticamente sempre, pois já nasceram com sua existência, quase como uma “segunda pele”, como um capital incorporado (BOURDIEU, 1998).

O que a internet inaugura, então, é uma nova forma de interação das pessoas, de veiculação de informações que teve início com as mídias clássicas (televisão, rádio), interligadas com os processos de comunicação (como o telefone), que alteraram as formas de relação entre as pessoas, aproximando as fronteiras. Ou seja, não é a internet sozinha que modificou a sociedade, mas um conjunto de fatores que culminou na popularização do computador e da internet.

Lévy (1999) utiliza-se de uma metáfora de dilúvio: há, com a internet, uma chuva de informações, possibilitada pelas telecomunicações, “Não há nenhum fundo sólido sob o oceano de informações. Devemos aceitá-lo como nossa nova condição. Temos que ensinar nossos filhos a nadar, flutuar, talvez a navegar” (p. 15).

A partir desse oceano é formada uma cultura, a cibercultura, caracterizada pelas relações que se dão no ciberespaço. Ciberespaço é o mesmo que rede, ou seja, um meio de comunicação surgido através dos computadores conectados mundialmente, abarcando tanto as informações que por ele circulam quanto os seres humanos que o utilizam. Cibercultura, portanto, são as técnicas, práticas, atitudes, formas de pensamento, linguagem, valores decorrentes do acesso/uso/crescimento do ciberespaço.

O que é veiculado no ciberespaço é chamado de hipertexto, um texto em formato digital que pode ser modificado, reelaborado, tornando-o mais fluído. Além disso, liga-se a outros textos através de *links* que podem ser acessados em tempo real na tela, constituindo, assim, um hiperdocumento.

A internet é um meio de comunicação que contém imagens, sons, vídeos e textos, requerendo novas habilidades de leitura e escrita, e, com isso, novas formas de ler e escrever são geradas. Nesse sentido, a internet, apesar de ser um meio de comunicação, que contém diversas formas de veiculação da informação e compartilhamento de conteúdos das mídias, ela tem uma característica fundamental que a difere: a autoria. São novas formas de interação com a informação, de se relacionar com o texto, pois se pode alterá-lo, reelaborá-lo, de diversas formas, numa construção coletiva, uma vez que todos os usuários poderiam passar a produzir textos digitais. Podemos desmontar um texto, lê-lo em partes, gravar uma aula sem nem precisar mais ter o contato com a folha de papel, pois já é passada diretamente para o computador. Assim, as relações com o texto tornam-se mais fluídas. São novas formas que “induz[em] vínculos mais fluídos entre os textos, entre os estudantes e o Saber” (CANCLINI, 2008, p. 305).

Além disso, vivemos num mundo onde as relações se dão através de meios virtuais. Essa virtualização implica no desprendimento do “aqui e agora”, e assim, pode ser, muitas vezes, a não presença de algo, ou seja, é a desterritorialização de algo ou alguém. A virtualização também inventa novas velocidades, trazendo alterações para os espaços-tempos, que passam a ser entendidos como mais fugazes, pois têm de ser rápidos, vividos no aqui e agora, o lugar determina o tempo da ação imediata.

Queremos dizer que a internet se estrutura por meio de diversos fatores, caracterizando-a como um meio possuidor de uma cultura própria, que altera nossos modos

de leitura e escrita e, enfim, a nossa relação com o mundo ao nosso redor. Na medida em que a internet opera uma alteração na forma pela qual estruturamos nosso pensamento, pois reconfigura nossa linguagem (enquanto meio de relação com os símbolos e signos que nos cercam, modificando sentidos de conceitos e ideias), ela figura como lugar que contribui para nosso processo de constituição, nos socializamos *nela e com ela*. São modelos, portanto, que transbordam as relações estabelecidas com a internet e passam a fazer parte do mundo social.

A escola e a cultura escolar

Escola e cultura são duas esferas da realidade que se relacionam. Educação, num sentido amplo, seria o ato de formar ou socializar alguém. Como se constitui num ato, numa ação, ela é feita por alguém para alguém, sem ser algo isolado ou estanque, é dinâmico e dialógico, tendo por objetivo a “transmissão, a aquisição de alguma coisa” (FORQUIN, 1993, p. 9), de um conteúdo, qualquer que seja, isto é, uma cultura, ou algo que a contém. A transmissão cultural da escola vê a cultura como “essencialmente, um patrimônio de conhecimento e de competências, de instituições, de valores e de símbolos, constituído ao longo de gerações e característico de uma comunidade humana particular, definida de modo mais ou menos amplo e mais ou menos exclusivo” (FORQUIN, 1993, p. 12). É a transmissão de um patrimônio cultural construído durante a história da humanidade, obra esta que é coletiva e não é monopólio individual do “homem cultivado”; é uma herança coletiva, que não é fronteira exclusiva de uma nação, é da humanidade. E assim, é o traço que torna o homem em ser humano, tornando-o um “ser de cultura”.

O currículo escolar representa uma seleção cultural que vem da sociedade. A escola, mesmo que não selecione os conteúdos curriculares, dá a eles um arranjo pedagógico, reelaborando os conteúdos culturais. A educação, assim, transmite *algo* da cultura (não a sua totalidade), são apenas *elementos* da cultura. Ela não ensina tudo, seleciona uma pequena parcela de conhecimentos a serem transmitidos às novas gerações. Ou seja, a escola elabora um currículo que deve conter os conteúdos mínimos a serem aprendidos para que um ser se humanize. Além de ser apenas parte, ela modifica esse conteúdo cultural, fazendo a transposição didática. Há, assim, a constituição de uma cultura escolar. Essa cultura é estabelecida pelos seus atores (famílias, professores, gestores e alunos), os discursos, as linguagens e as práticas (comportamentos consolidados através do tempo). A escola é uma instituição única no mundo social, não pode ser comparada a outras. Além disso, é uma instituição que serve de base para a sociedade moderna, relacionando-se com contextos culturais globais e locais. A escola é uma instituição idiossincrática, com a capacidade de reinterpretar e adaptar os conteúdos que compõem a cultura macro, uma vez que ela é uma instituição socializadora e transmissora de cultura (CARVALHO; BARBIERI, 1997).

Porém as formas culturais da escola estabelecem-se em relação ao meio externo a ela, ou seja, ela pratica uma interlocução entre o que está “fora” e o que está “dentro” dessa dinâmica. Assim, quando os jovens entram na escola, já possuem predisposições em relação à cultura escolar ou à cultura da rua, algo que já foi estruturado anteriormente pela forma como esse jovem vive (VAN-ZANTEN, 2000, p. 25).

A escola opera uma seleção daquilo que socialmente se acredita como sendo legítimo para compor seu currículo a ser ensinado às novas gerações. Há, então, uma seleção cultural representando a conexão entre a cultura vivida (de uma época e espaço determinados) e a cultura de um período. A tradição seletiva, então, cria uma cultura geral que implica em processos de seleção desses dois tipos de cultura, que são constantemente feitos e refeitos ao longo da história. Não se trata de um processo exclusivo da educação, mas os conteúdos da educação são determinados, de maneira clara ou não, manifestando certas escolhas de um tipo de organização cultural, que por sua vez expressa escolhas culturais. A cultura escolar constitui-se no embate entre diversos saberes sociais, pois é nesses embates que se determina o que é e o que não é importante para ser ensinado. O problema dessa situação é o processo de apropriação do conhecimento pela escola. A escola retira dos saberes a historicidade, o contexto em que cada saber foi produzido, exprimindo somente resultados isolados.

A questão que se coloca é saber em que medida a escola está aberta ou dá espaço em sua dinâmica diária para os novos saberes entrarem em seu cotidiano. Se o currículo escolar é formado a partir da seleção das manifestações culturais da humanidade, e nossa sociedade estrutura-se através da relação estabelecida entre o uso das mídias e cibercultura, que alteraram nossas percepções de mundo, espaço, tempo, e são constitutivos do ser humano em nossos dias, pois é um elemento cultural fundamental; em que medida o currículo estaria aberto à utilização desses meios, mais especificamente da internet, para potencializar o ensino ministrado nas escolas?

As formas de aprender e sentir se alteram num mundo permeado pelo avanço tecnológico. Uma pergunta que se coloca é como a escola vivencia essas alterações em todos os quadros sociais. Nossas relações de socialização passam a ter mais um mediador, que faz parte de todos os processos e atividades sociais: as tecnologias eletrônicas e comunicacionais.

Os jovens de hoje

A juventude é uma categoria socialmente construída, histórica, marca um tempo, uma geração, que deve ser entendida em sua diversidade, que se constitui identitariamente através dos bens culturais oferecidos pela cultura das mídias. É também uma força social renovadora, que reestrutura e abala as bases sociais, implementando mudanças. É, então, condição a ser vivida, a ser experimentada de diversas formas, em que os jovens procuram maneiras de se agrupar e se diferenciar identitariamente. Essas maneiras de distinção são formadas pela adoção de marcas de gosto, muitas vezes expressas no próprio corpo. Os jovens se agrupam, também, através dos gostos em comum, como pelas músicas apreciadas e pelos lugares frequentados. Nesse sentido, a internet aparece, hoje, como mais um lugar de convívio para os jovens. É um lugar de encontro e interação entre os pares.

Para se compreender melhor os jovens dos tempos atuais, é imprescindível ter em mente a necessidade de investigar o impacto dos aparelhos eletrônicos no processo de socialização juvenil, uma vez que eles têm um papel fundamental nas formas de constituição da identidade dos jovens. Assim, investigar os usos que os jovens fazem desses artefatos é desvelar como ocorre o processo de socialização e a apreensão das mudanças sociais pelos atores desses processos.

Para Green e Bigum (2009) está surgindo uma nova geração, constituída de maneira radicalmente diferente das anteriores, propondo a seguinte questão: “existem alienígenas em nossas salas de aula?” (p. 208). A partir desse questionamento, os autores formulam outros, de forma a se interrogarem se os alunos presentes nas salas de aula hoje são fundamentalmente diferentes dos que existiam anteriormente. Para os autores, é preciso, então, que a escola se altere, adapte-se, para que os alunos possam perceber que os conhecimentos oferecidos por ela não estão obsoletos. Há, então, sob a ótica dos autores, a emergência de um “sujeito estudante pós-moderno” (GREEN; BIGUM, 2009, p. 209), que traduziria o aparecimento de um novo tipo de aluno, com novas necessidades e capacidades.

Constituem-se novas formas de ser e estar no mundo, são novas juventudes sendo formadas por meio de mecanismos que não estão claros para os adultos. Ou seja, novas formas de alteridade surgem com essa nova juventude. O desvio é oficialmente representado e construído não como a mudança tão claramente parece ser, mas como uma questão de deficiência, de incompletude ou de inadequação. O tom é fortemente apocalíptico e a mudança é concebida como patologia. A juventude era, antes, vista como uma etapa a qual, ao final, a pessoa livrava-se, como um estágio temporário no movimento em direção à normalidade, a ser superado na totalidade, na completude da fase adulta. Essa passagem ordeira tornou-se agora carregada de uma incerteza arbitrária. Cada vez mais alienados, no sentido clássico, os jovens são também cada vez mais *alienígenas*, cada vez mais vistos como diferentemente motivados, desenhados e construídos.

Assim, é possível perceber que vivemos num dilema social atualmente. Uma série de alterações, tanto sociais quanto institucionais, aconteceu, e está acontecendo, fazendo com que as relações escolares se alterassem, já que a escola faz parte da sociedade e é um dos mecanismos de reprodução dos valores sociais. Dessa maneira, parece não ser mais possível reconhecer os jovens que estão na escola, pois essa instituição parece não ter conseguido acompanhar as mudanças ocorridas na sociedade, além de veicular uma cultura aparentemente ultrapassada para os mecanismos sociais atuais. Dessa forma, há uma nova configuração social, psíquica, relacional, gerada pela inserção das novas tecnologias, e é preciso refletir acerca desses processos.

As formas de aquisição e de relação com o conhecimento alteraram-se. Com a popularização do computador e da internet, houve uma aceleração da percepção de que a escola não é o único espaço de tratamento, produção e divulgação do conhecimento e não está lidando de maneira reflexiva acerca deste advento.

Uma nova cultura juvenil se estrutura em torno na internet, articulada por meio de uma sociabilidade virtual. De acordo com Tapscott (1999), uma nova geração se formou em torno das mídias, em especial, com o uso da internet como marca. Essa geração que está surgindo é formada pelos jovens que crescem com a mídia (os nascidos após 1994, pois é a partir desta data, de acordo com o autor, a popularização da internet). Possuem uma marca fundamental: as tecnologias são naturais, simples, pois fazem parte de suas vidas desde sempre. Os jovens que fazem parte dessa geração usam a internet para tudo: para o entretenimento, para aprendizagem, para a comunicação, para consumir. Esses jovens foram crescendo junto com a internet.

É importante perceber que a tecnologia faz parte de uma nova configuração social e cultural, que altera os modos de ser jovens, atribuindo-lhes novas características e signos que marcam sua presença no mundo, sua alteridade. Não há como negar que compreender como os jovens vêm utilizando a internet pode contribuir para se entender como se dá a socialização juvenil nos tempos atuais.

A internet altera as relações sociais, imprimindo novas formas de relação com as estruturas da sociedade que fundamentam a escola, como as dimensões de tempo, as relações entre as pessoas e com o corpo, entre outras dimensões já citadas anteriormente. Entretanto, algo relevante para os questionamentos aqui desenvolvidos é o fato de a cultura de massas e a internet fundamentarem-se no tempo presente. Já a escola viveria do passado, pois sua função principal é a de transmitir uma tradição cultural que, atualmente, não é mais valorizada (ARENDR, 2009). Esse descompasso instaura um abismo entre alunos e escola que deve ser revertido.

A escola figura como um lugar de apenas um tipo de conhecimento, não deixando espaço para outras formas de cultura. Porém, em nossa sociedade, a cultura de massas é uma forma de apreensão da realidade que antecedeu a escola, ao menos em nosso país. A internet (tomada aqui como exemplo de um movimento muito maior e empreendido há mais tempo pela cultura das mídias), assim como reestrutura a sociedade, ao mesmo tempo deflagra e desmascara os processos acima citados.

Os alunos e os usos que fazem da internet

A investigação que inspirou este artigo, ocorrida entre os anos de 2010 e 2012, se configura como uma pesquisa de caráter qualitativo, buscando, a partir de um olhar sobre formas particulares do cotidiano, apreender relações que podem ser encontradas em outros universos mais amplos.

Os procedimentos utilizados para se apreender o universo estudado foram, num primeiro momento, a aplicação de um questionário que teve como objetivo traçar um perfil mais geral acerca dos assuntos tratados na investigação e para servir como fonte para o convite dos alunos a serem entrevistados. As entrevistas com os alunos tiveram como fim aprofundar os pontos levantados pelo questionário, possibilitando outras leituras do real, e assim, entender os meandros das relações e do grupo investigado.

A atuação como professora da rede municipal da cidade de São Paulo em escolas de ensino fundamental permitiu perceber, durante o contato com os alunos, que os jovens já tinham, desde muito cedo, um contato com o computador e com a escola. Este fato fez clarificar a necessidade de compreender quais estratégias os alunos utilizam para estudar com o advento da tecnologia em suas relações com a escola. Em seu cotidiano, o computador e a internet já estão inseridos de maneira a contribuir em suas relações sociais, assim, tentamos compreender de que maneiras ocorre o intercâmbio entre computador e escola.

Assim, buscou-se, a partir da experiência docente e de observações geradas durante o exercício profissional, investigar com os alunos frequentes numa escola, como eles estudam utilizando a internet como ferramenta de conhecimento. Ressalta-se que esta investigação só tem sentido porque as pessoas mais velhas, que viveram num mundo no qual o computador não era tão corriqueiro, percebem que pode ter havido alterações com a inserção dessa máquina nas relações escolares, pois, do ponto de

vista dos jovens, que já nasceram com esse tipo de ferramenta disponível e sempre a utilizaram, não haveria sentido, pois não haveria mudança.

Duas leituras que se complementam foram feitas a partir dos dados encontrados: uma partindo dos questionários colhidos, e outra que se deu com as entrevistas, cujos questionamentos foram estruturados com base nas respostas obtidas através dos questionários.

Os questionários

Os dados apresentados foram colhidos com cerca de 70 alunos, divididos nas três 8^{as} séries (A, B e C) que estavam centradas no período da manhã na escola investigada. Os questionários foram estruturados para poder compor um perfil mais geral dos alunos sobre três aspectos: as condições de moradia, os usos gerais feitos da internet e quais suas preferências escolares. Assim, em dois momentos aplicaram-se questionários com questões abertas e de múltipla escolha para facilitar o tratamento dos dados e fornecer os elementos de reflexão aqui apresentados.

Pode ser percebido a partir da leitura dos questionários que os alunos dessa escola, em sua maioria, usam o computador em suas casas, pois a maioria deles possui computador, apesar de a escola investigada atender primordialmente alunos oriundos de três favelas da região onde ela se localiza, na zona Oeste do município de São Paulo, o que pode demonstrar uma popularização do computador acentuada, já que um terço dos alunos investigados (foram 70 questionários colhidos) possuíam computador.

Entretanto, há que se ressaltar também que dos alunos que responderam não possuem computadores em suas residências, cerca de 30% do total, todos afirmam fazerem uso do computador, seja em casa, na casa de parentes, em *lan houses*, telecentros, escola ou casa de amigos. Assim, se há segregação quanto à posse de computadores, não há segregação quanto ao uso.

A escola não foi citada pelos alunos como lugar de uso do computador. Isso levantou uma questão, uma vez que os jovens têm aula de informática toda semana. Assim, foi pedido aos alunos que indicassem quais as diferenças de se usar o computador em cada ambiente que transitam para este ato. Suas respostas nos fazem perceber que, em primeiro lugar, o uso na escola é visto como não uso, pois não há liberdade, porque quem tem o controle é o professor.

Foi questionado, para se compreender de uma maneira mais geral, o que os alunos fazem quando estão conectados. Praticamente, suas atividades se resumem a navegar em *sites* de relacionamento (como Facebook e Orkut) e baixar músicas. Assim, percebe-se que as atividades de relacionamento com os pares têm um papel predominante no seu cotidiano e a internet passa a ser mais um lugar em que essa interação acontece. A internet figura como mais um lugar no qual é possível conviver com amigos, seja da escola, seja do bairro. É possível ver os alunos comentando durante as aulas assuntos postados no Facebook, que descobriram o que um amigo ou namorado estavam fazendo, mantêm-se conversando com os colegas, e quando tem um computador disponível, a primeira coisa que pedem é se podem entrar no Facebook ou no Orkut.

Através da leitura do questionário pode-se perceber que a internet está ligada a três ideias principais: passatempo ou diversão, forma de obter informações e conhe-

cimentos, e possibilidade de interação com os amigos. Além disso, ficou implícito na fala dos jovens que a internet é algo atraente por duas características: interatividade e liberdade para se buscar e fazer o que se quer, “Porque a internet é o único objeto que nos possibilita conversar com nossos amigos, ver fotos e dar comentários etc.”.²

Quando os alunos precisam realizar alguma tarefa escolar usam predominantemente a internet como fonte de pesquisa: um terço dos alunos afirmou que utiliza a internet para fazer sua tarefa, e os outros misturam o uso dos livros com a internet. Ou seja, a internet passa a ser fonte de conhecimento para os alunos, tanto que, para complementar seus saberes, utilizam as informações obtidas através de pesquisas na rede.

Quando estão utilizando a internet para fazer uma busca, 72% dos alunos costumam realizar outras atividades simultâneas, 28% afirmaram não fazer isso. Assim, percebe-se que a internet induz a certo tipo de uso dispersivo, em que não ocorre a concentração numa única atividade de cada vez, permitindo que a pessoa que esteja utilizando a rede faça outras atividades de seu interesse e o usuário, portanto, não prenda a atenção numa única tarefa.

Quanto à escola, foi questionado aos alunos se gostavam de estudar. Pode-se perceber que grande parte dos alunos demonstrou interesse nos saberes oferecidos pela escola, pois afirmam gostar de aprender. Porém, a maioria dos alunos expressa seus gostos através das disciplinas que mais apreciam.

Quando os alunos tiveram que falar de suas preferências escolares pode-se perceber, em primeiro lugar, que numa sala de aula existem muitas formas de se relacionar com o conhecimento, uma vez que todas as alternativas foram assinaladas por pelo menos um aluno, além disso, poucos padrões puderam ser percebidos. Pode-se observar que os alunos gostam mais, ou tem mais interesse por matérias cujas aulas são em menor número ou que não são do currículo clássico, gostam muito de Informática, Educação Física, Leitura. A disciplina que foge a esta regra é Ciências, talvez por tratar de assuntos que lhes interessem, como compreender o próprio corpo. As disciplinas de Português e Matemática são interessantes para os alunos por acreditarem que elas têm mais utilidade no cotidiano, em relação à Geografia e História.

Os jovens em suas respostas atribuem, fundamentalmente, dois tipos de valor aos saberes escolares: o primeiro é com relação à sua utilidade no cotidiano e o segundo quanto ao valor socialmente atribuído à educação, de certa maneira, manifestam ou reproduzem um discurso de que estudar é importante para participar do mundo e se mover nele. Eles não ultrapassam, portanto, a relação de utilidade com os estudos (DUBET apud LEÃO, 2006). Charlot (2005) afirma ter percebido também que os alunos das classes populares mantêm relações de utilidade com o saber, determinando certas posturas desejáveis dos professores. “Hoje o professor deve dominar as práticas profissionais que lhe permitem transmitir, em sua coerência específica, saberes a jovens que conferem alguma legitimidade se ele é ‘útil’”. (p. 98).

No entanto, esse reconhecimento está atrelado ao mundo do trabalho, pois os alunos se mantêm na escola por ela estar relacionada ao seu futuro, um motivo para a utilidade dos saberes escolares que sobressai em muitas falas: o estudo é mais ou

2 Resposta dada por uma aluna por escrito no questionário.

menos útil de acordo com a sua aplicabilidade no cotidiano, ou seja, quanto mais ele é utilizado em seus trabalhos, no dia a dia, mais ele é valorizado. Como apontam Castro e Abramovay (2002), o trabalho é central na vida dos jovens (aqui o trabalho a ser exercido no futuro), uma vez que ele ocupa o tempo e é um meio de obter reconhecimento social. Ou seja, estuda-se para ser reconhecido, ingressar no mercado de trabalho; assim a escola está ligada a certo *status*, um reconhecimento social (FRANCO; NOVAES, 2001).

Existe uma ambiguidade dos alunos em relação às suas representações do papel do professor. O professor não aparece como fator tão determinante no fato de se gostar ou não de uma determinada matéria. O que parece interferir mais são os assuntos tratados nas disciplinas, ou seja, os alunos preferem as matérias cujos professores preparam aulas que tratem de assuntos de seu interesse. Entretanto, quando os alunos acrescentavam alguma observação muitos afirmaram gostar ou não da disciplina por causa de características dos professores. Charlot (2000) afirma que os alunos manifestam formas diferentes de se relacionar com o saber, que passam por fatores que vão desde um gostar do professor, de uma matéria, ou seja, é um universo amplo de formas de interação que podem existir entre saber e jovens.

Não há dúvida de que os interesses dos jovens variam muito e suas interações com a escola são diversas. Ou seja, as relações que estabelecem com a escola e com o saber oferecido por ela são diferentes e dependem de diferentes fatores, que não apenas têm a ver com a escola (CHARLOT, 2000). Resta investigar de que forma a escola lida com isso. Porém, as manifestações positivas dos alunos quanto a outras disciplinas (como Leitura, Informática e Educação Física) demonstram que os alunos querem discutir temas que lidem mais com seu cotidiano, com suas linguagens, querem outras atividades que não apenas sentarem-se passivamente para ver/ouvir o professor falar.

Mas, além disso, no que se refere diretamente à internet, os usos preliminares levantados no questionário estão fora da escola. Assim, questiona-se como a escola lida com essa forma de convivência que está fora dela, mas que se reflete em seu cotidiano o tempo todo. Quais são os procedimentos efetivamente adotados pelo grupo docente e gestor para que as tecnologias sejam fonte de investigação, e não apenas encaradas como ameaçadoras ao saber oferecido pela escola? Faz-se necessário, assim, investigar como a escola encara o uso que os jovens fazem da internet, além de tentar compreender como lida com os trabalhos escolares que têm como fontes o computador, e não mais apenas os livros.

A internet como ferramenta de estudo: o que as entrevistas revelaram

“O Google tem tudo.” (Eliana, 14 anos)³

As entrevistas foram realizadas na própria escola, com grupos de alunos. Vinte e três alunos foram entrevistados para essa investigação. Todas as entrevistas foram feitas em grupo, com quatro participantes em cada encontro, dois jovens e duas jovens (exceto as duas últimas, que foram com duas duplas separadamente, obedecendo ao mesmo critério de gênero).

3 Fala de uma das alunas entrevistadas durante a investigação.

Algo que pode ser percebido, de uma maneira mais geral, pelas entrevistas foi que a escola aparece como lugar no qual o sentido só se dá a partir da relação com o outro, seja este outro o professor (que figura como aquele que pode mobilizar para uma aprendizagem mais significativa) e/ou colegas de escola, os amigos, que os mobilizam a ir e frequentar a escola todos os dias. Ou seja, as relações que esses jovens estabelecem com o conhecimento escolar dependem de fatores externos a eles.

As tarefas de casa = tarefas sem sentido

Os jovens entrevistados não gostam de fazer lição de casa. Essa lição costuma ser proposta de duas maneiras: ou como um trabalho a ser feito em casa (pesquisar sobre um tema) ou como um conjunto de questões feitas pelo professor e que devem ser respondidas. Em ambos os casos o que se requer dos alunos é que encontrem a resposta correta para uma pergunta, ou que reescrevam um texto já existente. Não é requisitado deles que resolvam um problema cuja solução ainda não foi encontrada ou que investiguem uma questão que poderia ser respondida de formas diversas, e muito menos que elaborem ou criem algo novo (um conhecimento próprio) acerca de um determinado tema ou questão, formulando suas próprias questões acerca do aprendizado.

A maioria dos professores, de acordo com os alunos, não passa lição de casa, ou melhor, não o faz com tanta frequência. Quando costumam passar lições, os professores constroem as propostas para que os alunos não dependam do computador para conseguirem fazer a tarefa. Porém, não há como saber se isso é proposital ou não.

Mas quando os alunos têm lições para casa, não costumam fazê-las. Afirmam só fazerem quando a atividade vale nota. A questão avaliativa só ganha sentido na 8ª série na rede municipal de São Paulo, pois são nos finais de ciclo os únicos momentos nos quais os alunos podem ser retidos por nota e não apenas por excesso de faltas, como é nos outros anos ou séries do Ensino Fundamental. Ou seja, uma preocupação que não tinham antes, agora se apresenta: a retenção.

Mesmo que as atividades não dependam do computador, todos os alunos o utilizam, ou recorrem a fontes mistas, conjugando o uso do computador com a consulta de livros ou do caderno.

Acreditam que as lições de casa não servem para nada. Não veem sentido em se fazer uma lição bem feita, ou até mesmo fazê-la do jeito que for, já que não compreendem o seu significado. O trecho abaixo de uma das entrevistas deixa isso claro.

ENTREVISTADORA: E depois o que professor faz com o trabalho?

NUBIA⁴: Ele rasga e joga fora.

[todos riem e concordam]

GILBERTO: Vai pra gaiola do passarinho.

ELIETE: O que os professores fazem que a gente não vê mais os trabalhos?

NUBIA: Ah, eles guardam nesses armários aí...

GILBERTO: Usam pra sei lá...

ELIETE: Pra usar de papel higiênico.

4 Os nomes de todos os alunos foram mantidos em sigilo para manter sua privacidade, de acordo com as normas da Comissão de Ética.

ENTREVISTADORA: Vocês não têm ideia do que eles fazem com os trabalhos?

NUBIA: Não.

ENTREVISTADORA: Os professores não usam em aula?

NUBIA: Não. Eles usam de tapete de carro.

GILBERTO: Quando você pega um cachorro pra levar no veterinário, usa pra forrar o banco do carro, forra o chão, pro cachorro não fazer nenhuma besteira.

ELIETE: Usa de papel higiênico.

NUBIA: Na gaiola do passarinho.

ENTREVISTADORA: Então vocês acham que não serve pra nada essa lição?

NUBIA: Não, serve. Nós só não sabe pra que a gente faz.

ENTREVISTADORA: E isso não incomoda vocês, não saber pra que serve?

ELIETE: Não, nunca parei pra pensar nisso.

Dessa forma, as atividades escolares para casa parecem ser destituídas de sentido para os jovens. Se a atividade não tem um significado explícito, não há porque se empenhar em fazê-la bem, ou mesmo entregá-la. O sentido dessas atividades não está claro para os alunos, uma vez que, para eles, essa tarefa não tem utilidade na vida escolar. Da fala dos jovens pode-se perceber também que a única vinculação escolar, e que talvez funcione como um mecanismo que os professores usam para fazer com que os alunos entreguem as atividades de casa é a ligação com a nota; mas nessa relação o sentido próprio da atividade é retirado, pois a execução da tarefa é condicionada pela atribuição de uma avaliação e não por um conteúdo a ser trabalhado em sala de aula, ou pelo significado que aquilo possa ter na vida do jovem estudante, em termos de aprendizagem relevante.

Além disso, outro ponto que as falas revelam é que os alunos percebem, ou pelo menos imaginam, que os professores atribuem muito pouco valor ao trabalho que os alunos entregam. Isso acarreta num questionamento por parte deles: para quê fazer algo que depois vai ser jogado fora? E, realmente, para quê se pede um trabalho se ele não tem utilidade acadêmica, no sentido de provocar uma reflexão ou de questionar, ou ainda de trazer à luz algo relevante do ponto de vista do saber?

CLARA: As minhas atividades eu não pego, entendeu? Quando eu pego, eu dou pra minha tia ela sabe o que ela faz, porque se passar pela minha mão, na hora que eu sair da escola eu joga fora. Eu vou ficar levando lixo pra minha casa? Já basta os meus lixo, ainda os lixo da escola que eu faço.

O papel dessas lições deveria ser mais bem esclarecido, tanto para alunos quanto para professores. Um trabalho acadêmico não poderia reduzir-se a encontrar uma resposta correta para uma questão, muito menos dar conta em casa daquilo que o professor não conseguiu cumprir em classe.

Quando os professores chegam a devolver os trabalhos propostos, existem comportamentos diferentes em relação a eles. Alguns alunos guardam todos os exercícios realizados (esses seriam os alunos que são considerados pelos professores como os mais bem-sucedidos na escola, como é o caso de Rita e George); outros guardam apenas aquilo que fez sentido para eles, como atividades das séries de alfabetização

e cadernos; outros, ainda, jogam tudo fora porque acreditam que as atividades não possuem sentido.

Essas tarefas para casa possuem significado apenas para aqueles alunos que as realizam habitualmente, que costumam fazer as lições de casa. Talvez porque esses alunos vejam sentido na escola, e por isso todas as práticas que ela propõe possuem um significado para eles. Não é à toa que esses jovens normalmente coincidem com aqueles que os professores enxergam como “bons alunos”.⁵ Ou seja, parece que a escola só consegue ensinar efetivamente àqueles que, de alguma maneira (não dá para saber como), incorporaram o *habitus* de aluno. Ora, a questão colocada é, então, por que alguns alunos conseguem fazer isso e outros não. No universo aqui investigado, não foi possível, no entanto, responder a essa questão, o que necessitaria de mais pesquisa para sua averiguação.

O contato com os conteúdos de aprendizagem parece ser condicionado por maneiras particulares de ensinar e de agir de determinados professores, mesmo que essa percepção varie de acordo com o aluno. É preciso perceber que os alunos são sujeitos que interagem com o mundo e já possuem um entendimento do que os cerca, o que molda suas percepções do que está ao seu redor, de si mesmo e dos outros (CHARLOT, 2000). As relações que esses sujeitos estabelecem se relacionam com um universo de representações que vem dos diversos espaços nos quais cada um habita ou transita.

Internet: usos na e para a escola

Ao contrário da escola, a internet parece ser um lugar carregado de sentidos para os alunos. Quando têm de falar dela, a alteração em seus tons de voz e encadeamento dos assuntos é nítida. A mudança de um assunto para o outro se dá muito mais levemente do que quando têm de falar da escola, embora essa empolgação se relacione mais com a descrição dos usos que fazem da internet no ambiente doméstico do que com os usos que fazem dela para a escola, ou seja, para fins de estudo.

Esses jovens entraram em contato com a tecnologia do computador muito cedo, pois o primeiro uso da internet, para uma parcela dos alunos, foi em casa, quando tinham por volta de seis anos de idade, ou ainda na casa de parentes, intermediados por primos ou irmãos mais velhos que lhe apresentaram essa tecnologia. Suas sensações foram da descoberta de algo muito divertido, principalmente porque apontam que seus primeiros usos eram para apenas jogar, algo que foi se modificando com o passar do tempo, à medida que foram crescendo, compreendendo melhor o computador e adquirindo novos interesses. Foi uma descoberta que causou neles um deslumbramento.

Os entrevistados indicam que a aprendizagem do e no computador é (quase) instintiva, aprende-se usando:

GILBERTO: Computador não é mexer, é fuçar que você aprende.

ELIETE: É.

5 Após a realização das entrevistas com os jovens, foram feitas algumas sondagens informais com os professores da escola acerca da imagem que eles têm dos alunos que foram entrevistados, se são considerados “bons” ou “maus” alunos, e quais os critérios de classificação utilizados. Coincidentemente, os alunos considerados “bons” são aqueles que parecem possuir as disposições escolares requisitadas cotidianamente, como prontidão na aprendizagem e comportamento adequado durante as aulas (ficar em silêncio durante uma explicação, por exemplo). Esses alunos são: George, Rita, Laura, Tamara, Leandro, Antonio. São os alunos que apresentam as falas mais positivas em relação à escola e à aprendizagem.

ENTREVISTADORA: Você acha? Por quê?

GILBERTO: Ah, não sei. Tipo, mexer, sei lá. Eu começo a fuçar em tudo, pra mim aprender onde é que eu to indo, pra procurar tal coisa. Mas isso passou, agora eu já sei tudo do computador.

Reitera-se, portanto, que a aprendizagem do uso da internet é percebida pelos entrevistados como algo instintivo, que não requer um ensino sistematizado. E essa percepção pode ser explicada a partir da estrutura do computador, suas interfaces gráficas, programas e ferramentas foram estruturados ao longo do tempo de maneira que se conectem, facilitando o uso e a descoberta, tornando quase tudo acessível apenas com um clique. E com isso, dispensa o ensino didatizado para a maioria de seus usos possíveis. Ora, o que a escola tem que rever é que não é no ensino do uso do computador que ela deve centrar-se, mas sim nos resultados pedagógicos que podem acontecer a partir desse uso.

Os alunos elaboram categorias com as quais enquadram seus saberes de acordo com o conteúdo a ser abordado. Como a aprendizagem do uso do computador é para eles algo instintivo, que se dá por meio da resolução de um problema imediato, há de se entender de que maneiras os alunos interiorizam esses mecanismos. Esse questionamento de como a criança aprende é a pergunta sobre a qual a “pedagogia popular” se debruça (são noções ou crenças de como funciona a mente de uma criança que geram os pressupostos e atividades de quem educa), “ao se elaborar teorias sobre a prática da educação na sala de aula (ou em qualquer outro contexto, se for o caso) seria melhor levar em consideração as teorias populares do que aqueles que participando do processo de ensino e aprendizagem já possuem” (BRUNER, 2001, p. 54). Para Bruner, ensinar é uma prática que depende das ideias que os agentes educacionais possuem sobre a mente de quem aprende.

Para Bruner (2001), no entanto, alguns conhecimentos, da modalidade que ele denomina de conhecimentos proposicionais, são mais bem adquiridos (ou até exclusivamente adquiridos) por meio da exposição oral ou por meio do acesso a fontes escritas. Para o autor, a escola tende a se concentrar excessivamente nos saberes proposicionais e acaba não trabalhando com outras modalidades de conhecimento que poderiam ser até mais significativas.

Os jovens acumulam diversos conhecimentos, das mais diversas modalidades; no entanto, essa acumulação não é suficiente para que eles possam compreender as estruturas que estão ao seu redor. No caso do computador, onde a aprendizagem é prática, imitativa, aprende-se no ato do uso, o conhecimento escolar poderia partir desse uso para um aprofundamento crítico de suas questões. Partir de uma dinâmica externa para uma subjetiva, que problematiza e faz com que se reflita sobre conteúdos e práticas.

A internet é usada como fonte fundamental de pesquisa para a maioria dos alunos. Entretanto, os mecanismos usados por eles para extrair as informações são muito primários, uma vez que, quando estão procurando uma informação na internet e a selecionam, não têm claros quais os critérios que fazem aquela seleção ser significativa para ser entregue numa atividade de sala de aula. Ao que parece, os alunos não têm clareza da pergunta a ser respondida, o que evidenciaria um problema na

formulação da atividade. Mas também não incorporaram critérios de classificação da confiabilidade das fontes, que a escola não se preocupa em ensinar.

Quando têm uma atividade para fazer, como lição de casa, todos utilizam o computador, mesmo que alguns mesquem esse uso com a consulta a livros e aos seus cadernos da escola para poder cumprir a tarefa solicitada. Seus procedimentos são entrar no Google, digitar a palavra-chave ou a pergunta. Grande parte dos alunos afirma ler o texto que selecionam e resumir, não com a preocupação de ter uma apropriação do material, mas sim para que o texto não fique muito extenso, ou porque têm receio que o professor perceba a cópia e não dê nota. Mas alguns alunos afirmaram que leem e copiam partes, algo como copiar parágrafos escalonados, e alguns nem leem, apenas copiam. Há alunos que copiam e colam no processador de texto (nessa categoria está a maioria dos alunos que não lê o que está copiando da internet) e tem outros, a maioria, que fazem manuscrito.

Os entrevistados apresentam dois procedimentos. No primeiro caso, os jovens percebem, ao que parece, intuitivamente, que para se fazer uma pesquisa na internet é necessário possuir alguns critérios para selecionar o que seria relevante e confiável. No entanto, não foi possível compreender de quais maneiras aprenderam esses critérios de avaliação, embora seja possível inferir que esse saber possa ser oriundo da prática que adquiriram com o ato de navegar pela rede. Mas demonstram que é preciso, numa pesquisa na internet, visitar vários *sites* e comparar os textos, para que se possa definir o que é relevante. Mas, mesmo assim, não elaboram um texto a partir das leituras (apenas uma aluna, Tamara, indica esse procedimento), procurando, em vez disso, qual a resposta mais correta para a pergunta. Ou seja, não há a elaboração de um conhecimento próprio acerca do que se buscou, mas realizam uma atividade apenas de resumo do que foi encontrado, que é a seleção, dentro do texto disponível, daquilo que consideram mais importante para terem menos trabalho na hora da execução da tarefa.

TAMARA: Eu procuro. Porque eu acho assim, pra você fazer um trabalho bem feito, você tem que pegar um pouquinho de cada site, não dá pra fazer um trabalho com um site só, fica ruim.

No entanto, é preciso destacar que suas falas manifestam pontos relevantes para serem pensados em relação aos saberes escolares. Eles percebem que é preciso, num meio como a internet, onde existe uma pluralidade de fontes, fazer uma breve avaliação, escolher critérios, o que pode indicar que, de alguma maneira, a escola possibilitou a aprendizagem de que para se construir conhecimento é preciso recorrer a diversas fontes, buscar textos onde algo esteja mais detalhadamente explicado, o que demanda um conhecimento mais complexo e mais elaborado do que apenas resumir um texto.

Essa percepção intuitiva de que necessitam buscar diversas fontes expressa que, de alguma maneira, sabem que estão navegando em um hipertexto que modifica a forma pela qual se acessa a informação. Mas, ainda que alguns alunos manifestem esse entendimento de construção do conhecimento como algo complexo, outros apresentam uma forma mais mecanizada de execução das tarefas escolares.

DALVA: Eu não, nem leio já vou copiando um parágrafo sim, um não e já era.

CLEBER: Entro na Wikipédia, ponho lá aí eu copio, colo lá no negócio, aí depois eu imprimo e nem leio.

Quando já selecionaram o material escolhido para ser entregue, aparecem duas opções: ou copiam (no sentido de “escrever à mão”) ou imprimem. Manuscovem o trabalho a pedido dos professores que requisitam assim por acreditarem que dessa forma os alunos aprenderiam mais.

TAMARA: Depois eu ia no Word, ia copiar e colar, ou senão eu imprimo, ou escrevo.

BIANCA: E também [escrevo manualmente] porque as professoras falam que é pra gente estudar e não pra imprimir, colar da internet. Então é melhor a gente fazer o resumo.

O critério dado pelo professor de que é preciso resumir o que se encontra e manuscruver e não imprimir aponta uma marca da maneira como esses trabalhos são propostos; e também indicam o fato de que eles servem para operacionalizar ou reforçar uma aprendizagem que pode ou não ter-se dado em sala de aula. Não serve para a reflexão dos alunos, mas sim, e apenas, como complemento, quase como um reforço das atividades realizadas em classe.

Outro procedimento de pesquisa que apareceu nas falas dos jovens é que alguns, quando estão diante do computador, vão executar diversas tarefas antes do estudo. Ele é deixado de lado, por último, pois teriam coisas mais interessantes na rede com que lidar do que a execução de uma tarefa escolar. É como se a internet não servisse para isso.

Entretanto, os alunos ainda recorrem às fontes consagradas, como os livros, pois neles o conhecimento aparece como consolidado, pronto e, portanto, mais confiável:

RITA: Tá. Primeiro eu uso o livro, pra ver se tem alguma coisa lá, se não tiver, eu vou na internet.

O *site* que sempre costumam visitar para fazer suas atividades de escola é a Wikipédia (enciclopédia virtual e de elaboração colaborativa, cujo conteúdo pode ser proposto ou revisado por um usuário cadastrado, que disponibiliza verbetes que se interconectam), porque acreditam ser o mais confiável (afirmam inclusive ser uma requisição dos próprios professores), sempre utilizando o Google como porta de entrada ou ferramenta de busca. Portanto, também intuitivamente, os professores estabelecem critérios de legitimidade, escolhendo os meios que se coadunam mais com os saberes proposicionais da escola. No entanto, esse tipo de atividade não muda nada nas práticas escolares.

A questão que se coloca é: o que a internet alterou nos procedimentos habituais da escola? Parece que mesmo que os alunos trabalhem com as fontes vindas da internet, o modo como a escola se apropria dessa ferramenta não altera em nada as relações estabelecidas na escola. Mas, embora no momento atual não seja possível perceber uma alteração na relação pedagógica com a internet no interior da escola, o que é dito pelos jovens entrevistados parece introduzir um novo aspecto na relação com o saber.

Usos não-escolares da internet: comunicação

Quando têm de falar dos usos não-escolares da internet demonstram uma maior empoção, mais articulação entre as falas, um vai complementando a fala do outro, demonstrando que fazem as mesmas atividades, há um maior interesse pelo assunto. Se comparado com suas falas em relação à escola e aos estudos, há uma nítida mudança no tom de voz, rapidez nas respostas, praticamente não há pausas, respondem sempre quase que imediatamente às perguntas, o que pode indicar que usar a internet seja mais significativo para eles do que a escola.

O computador serve, de acordo com suas falas, basicamente, para se comunicar com os amigos. Sejam os que estão longe (em outras cidades), sejam os que estão próximos. Em outras palavras, a internet, e por consequência, o computador, é outro meio de convívio com os pares, e isso é o que torna a internet tão atraente, a possibilidade de se estar perto de quem se quer estar, mesmo estando longe geograficamente ou espacialmente. A internet é um encurtador de distâncias. O ciberespaço traduz uma forma de relacionamento praticamente independente do espaço/lugar geográfico e do tempo, mesmo que isso não seja uma novidade social (pois o telefone já era interativo e a troca de cartas já era uma forma de comunicação à distância) (LÉVY, 1999).

A comunicação é fator central para os entrevistados no que tange ao computador, porém quando falaram da escola, a comunicação e a interação com os colegas também apareceram como centrais. O que difere um meio do outro? Acreditamos que no computador não há mediação de um adulto nessa interação, não há professores, diretores, aulas, a estrutura da internet é dinâmica e imediata, livre para que possam construir o próprio discurso. Na internet eles são autores de seu texto, enquanto que na escola há sempre a figura de algum adulto que direciona suas posturas e atitudes perante os espaços e as pessoas. Assim, as relações que estabelecem na internet seriam percebidas como tal em relação às atividades escolares.

Entretanto, quando a escola deixa de explorar esse potencial autoral e comunicativo da internet, ela deixa de perceber uma das funções sociais desse meio, além de não aproveitar a possibilidade de conhecimento que ele pode propor. Por exemplo, numa atividade de correspondência escolar, o potencial da escrita poderia ser trabalhado com os jovens carregando essa atividade de sentido, pois seria a troca com os pares, a comunicação com colegas, fazer novos contatos, que outras atividades não proporcionariam (FREINET, 1969).

Além disso, a internet permite diversas maneiras de passar o tempo e de se divertir, a tal ponto que os entrevistados reconhecem que deixam de fazer outras coisas para ficarem conectados. Costumam ficar, em média, quatro horas diárias em frente ao computador. Adoram o uso do computador, usam todos os dias, apontando, inclusive, o computador como vício, comparando-o com uma droga.

A internet é ao mesmo tempo fonte de diversão e de conhecimento. É a possibilidade de manter amizades apesar da distância geográfica. Possibilidade de relacionamentos amorosos. Possibilidade de consumo.

CLARA: Pra passar o tempo.

FERNANDA: Não, também pra gente descobrir mais coisas do mundo assim sabe. Coisa que nós não conhece, pelo computador dá pra nós ver e conhecer. Outros países, dá pra nós ver pela internet. Internet é bom e é ruim.

Fernanda manifesta em sua fala justamente um dos pontos centrais da argumentação aqui desenvolvida: a internet oferece recursos que possibilitariam que a escola fosse além daquilo que ela fornece, que lhe permitiriam partir de um modelo de manutenção e transmissão cultural para potencializar o ensino. Numa aula de Geografia utilizar recursos como o que a aluna citou pode fazer com que as relações com o saber escolar se alterem, operando a mobilização do aluno e trazendo um conhecimento que pode trazer prazer no presente.

Por mais que a internet seja importante na vida deles e seja vista como fonte de aprendizagem, os entrevistados sustentam a crença de que a internet não poderia substituir a escola:

TAMARA: Tipo, se só tivesse a internet, a internet não é segura, eu não acho segura.
CRISTINA: Eu também não. Fora que na internet a gente lê tudo e tal, só que tipo, não ensina nada, é a mesma coisa que entrar por um ouvido e sair pelo outro. Porque nós tem bastante coisa assim pra aprender, essas coisas, só que a gente não tem a explicação que na escola dá.

Isso indica que ainda que os jovens possuam outras formas de se relacionar com o saber, a escola ainda figura como o principal lugar onde a aprendizagem acontece, onde as questões relevantes podem ser problematizadas. Ou seja, a escola ainda *é o lugar da aprendizagem*, que não pode ser simplesmente substituído pela internet.

Nos mecanismos apontados pelos jovens, apesar de perceberem que a internet é um meio significativo, no que tange aos estudos, o uso da maneira como é proposto pela escola não fomenta uma apreensão elaborada dos conteúdos veiculados pela internet, e nem torna mais significativos os saberes que as disciplinas escolares pretendem almejar como mais necessários ou relevantes. No relato de seus mecanismos de filtragem e seleção permanece ainda uma prática arraigada da escola que é a cópia de verbetes de enciclopédias, que hoje são virtuais.

Ou seja, o que os entrevistados deixam transparecer é que a internet poderia ser uma ferramenta de estudo proveitosa para a escola, mas, na medida em que a escola não se altera curricularmente para interagir com esses conteúdos, o que sobressai é uma relação instrumental com a internet e, por sua vez, com o conhecimento.

Considerações finais

Num mundo como o nosso, que é mediado e permeado por matrizes culturais diversificadas (especificamente a cultura escolar e a cultura veiculada via internet), essas mesmas matrizes se relacionam na tarefa de educar as novas gerações que já carregam em si diversas marcas desse novo contexto sócio-histórico. Ou seja, compreender de que maneiras a internet e a escola se relacionam no intento de fornecer modelos de saber para os mais jovens. Tentou-se apreender essa relação por meio do entendimento de como se dá uma pesquisa escolar, para compreender como a escola fomenta a reflexão através dos conteúdos que exige e ministra.

Pelo material coletado na investigação à qual este artigo se refere, foi possível perceber que a internet é um referencial provedor de informações e eventualmente, até mesmo de conhecimentos mais elaborados, que poderiam servir à escola. No entanto, nos usos que os jovens fazem da internet como fonte foi possível identificar que o ato da aprendizagem resume-se em tarefas que continuam privilegiando a memorização e o registro como formas de apreensão dos conteúdos escolares.

O que pode ser notado pelas entrevistas, na fala dos alunos, é que estão ausentes da escola as alegrias do presente que a escola poderia proporcionar. Além disso, um questionamento feito pelos próprios entrevistados é a respeito de em qual medida a escola ensina um conhecimento de fato necessário para eles no momento em que vivem, no sentido de conhecimento personalizado e especializado, que Young (2007) chama de conhecimento poderoso. No olhar dos jovens a escola não consegue dar conta disso. Não consegue porque o caráter do conhecimento se altera na medida em que novas formas de lidar com ele (referindo-se à internet) se apresentam e relativizam duas dimensões do ensino: a manutenção de um modelo e o cruzamento de uma fronteira. Isso demanda uma mudança na forma como a educação é pensada e estruturada. E uma mudança para uma prática educativa que demande reflexão e não apenas cópia.

A questão que sobressaiu foi se a maneira como o currículo escolar está estruturado não daria espaço para um uso significativo da internet nas atividades escolares, de tal modo que ela se transforme numa ferramenta que possa potencializar a aprendizagem.

O fato que pôde ser percebido pela leitura e análise do material coletado é que a internet expõe e explicita um conflito escolar que se exprime na falta de sentido das atividades propostas aos alunos. Essa falta de sentido pode ser entendida em dois aspectos: como *falta de significado* (essas atividades não serviriam para nada nas dinâmicas da escola, apenas como forma de avaliar ou classificar os alunos, e não como forma de reflexão sobre a prática tanto do aluno, mas também do professor); e como *falta de sentido*, de direção, de um rumo, ou seja, um encaminhamento mais claro acerca do que se deve fazer na execução real da tarefa, objetivando passos e procedimentos práticos para a realização da atividade. Em outras palavras, a maneira como essas atividades são propostas não permitem que o aluno construa uma relação significativa com o conhecimento nela intencionado. As tarefas passam a ser, então, um ato mecanizado que depende de estratégias intuitivas dos alunos e não de um tratamento sistemático e, portanto, didático, para a construção de um conhecimento. No fim das contas, não há uma mobilização efetiva no sentido da obtenção ou produção de um conhecimento por meio do uso da internet.

Os procedimentos usados pelos alunos não mudaram ao se passar do meio impresso para o digital. As entrevistas demonstraram que o procedimento básico é o mesmo de muitos anos atrás, copiar e resumir textos disponíveis em verbetes de enciclopédias (tanto as impressas quanto as virtuais). A relação instrumental com o conhecimento não se alterou no interior da escola, permanece a mesma, porque o currículo escolar e o seu sentido não foram modificados.

E assim, a questão que foi proposta pelos próprios jovens entrevistados é: para que se empenhar na execução de uma tarefa que não tem sentido? O único valor dessa atividade, apontado pela maioria deles, é a atribuição de uma nota. Mas essa

avaliação só se debruça sobre o aluno, e não permite que ocorra uma reflexão acerca de como a relação entre a prática de sala de aula está reverberando nas aprendizagens dos alunos. É uma “via de mão única”, que não tem função, a não ser a de julgar o indivíduo e que isenta o professor de refletir sobre sua prática.

Ao contrário da escola, a internet é carregada de sentido para os jovens entrevistados, é um meio de interação, troca e aprendizagem múltipla, que possibilita vários percursos e diversas relações. É um meio livre, onde podem buscar aquilo que desejam, sintam curiosidade, ou tenham interesse, para se entreterem, divertirem-se, ou aprenderem, para partilhar com os colegas. Enfim, como um meio de interação entre os sujeitos e os conhecimentos.

Como a internet é fonte fundamental de informação para esses jovens, a escola poderia ajudar os alunos a construir novos critérios de análise do material disponível na rede, critérios mais elaborados do que os que já possuem agora, elaborados intuitivamente durante a exploração da internet. Critérios esses que fossem mais afinados com aquilo que a escola busca. Além disso, a escola poderia ajudar a instrumentalizar aqueles alunos que ainda não construíram seus próprios critérios. Navegar num hipertexto demanda habilidades que podem ser ensinadas de outras formas que não só as intuitivas, desenvolvidas no relacionamento pessoal que esses alunos constroem com a internet.

No entanto, sobressai nas falas que o uso da internet pela escola, tal como ele é praticado hoje, não possibilita uma relação mais significativa com os saberes escolares, uma vez que o currículo da escola se mantém o mesmo.

Com as entrevistas, novas questões foram aparecendo. Por exemplo, em que medida o maior acesso e familiaridade dos alunos com os recursos da internet se tornam mesmo um problema para a escola? Isso estaria ligado a uma ideia de deslegitimação do currículo escolar, que se opera de várias maneiras, não apenas pelo uso da internet. Ora, se o currículo (conhecimento) escolar ainda tiver validade (e acreditamos que tenha), a questão poderia ser proposta de outro modo: em vez de contestação da escola, o acesso à internet poderia ser pensado como parte e como instrumento de acesso ao currículo. Portanto, como mais uma ferramenta pedagógica, como mais uma poderosa tecnologia didática. Ou seja, a questão coloca-se da seguinte maneira: a internet, com seus recursos aplicados na escola, pode se tornar algo familiar à escola, tal como o caderno e o livro didático? Ou ela necessariamente inviabiliza e invalida a escola? Ou, ainda, ela transforma irrevogavelmente e dá novos sentido à experiência escolar?

Com a internet, e mesmo que não existam computadores disponíveis para serem usados em cada sala de aula, ao menos no âmbito da escola pública, as informações veiculadas por ela chegam até a escola na figura dessa cultura incorporada pelos alunos. Resta saber o que a escola faz ou pode fazer com isso. O que fica claro nas falas dos jovens é que a internet carrega em si uma série de usos potenciais que poderiam ser aproveitados na escola, e que se tornam quase invisíveis, pois não são questionados. Quando um aluno entrega um trabalho cuja fonte é a internet, isso passa sem discussão, sem que a escola se preocupe em orientar esse aluno sobre como selecionar e filtrar o material encontrado, não há orientações quanto aos procedimentos do próprio trabalho, o que se deve procurar, como fazer.

Não é que a escola deva absorver de modo automático e irrefletido a tecnologia. Mas, enquanto instituição que trabalha com a cultura da humanidade, e a internet faz parte dessa cultura, a escola poderia explorar todas as funcionalidades e serviços que a internet tem para oferecer à tarefa educativa, como a comunicação todos-todos, que independe do momento e do lugar, a navegação alinear possibilitada pelos nós que compõem a rede hipermídia, a possibilidade de autoria, expressão e publicação de ideias que usam linguagens diferentes, as produções em coautoria. O que, enfim, possibilitaria uma autoria coletiva do conhecimento.

Em suma, o uso da internet na escola não precisa necessariamente empobrecer as relações com o saber. Ao contrário, ela pode, enfim, potencializar e favorecer uma relação prazerosa, que traga alegrias ao fazer cotidiano dentro da escola, tornando essa experiência carregada de mais sentido para os alunos na relação que pode estabelecer com um conhecimento mais elaborado e sofisticado por meio das obras que a tradição da humanidade produziu.

Referências

- ARENDDT, H. Crise na educação. In: ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 221-247.
- BOURDIEU, P. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Orgs.) **Escritos de educação**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1998.
- BRUNER, J. Pedagogia popular. In: BRUNER, J. **A cultura da educação**. Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 53-70.
- CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2008.
- CARVALHO, C. P. de; BARBIERI, M. R. Formação de professores em tempos de informática. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 9, p. 18-22, maio/ago 1997.
- CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M. Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências. **Cadernos de Pesquisa**, Campinas, n. 116, p. 143-176, dezembro 2002.
- CHARLOT, B. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- CHARLOT, B. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização**: questões para educação hoje. Porto Alegre (RS): Artmed, 2005.
- FORQUIN, J. C. **Escola e cultura**: as bases epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre (RS): Artes Médicas, 1993.
- FRANCO, M. L. P. B.; NOVAES, G. T. F. Os jovens do ensino médio e suas representações sociais. **Cadernos de Pesquisa**, Campinas, n. 112, p. 167-183, março 2001.
- FREINET, C. **Técnicas Freinet de la escuela moderna**. México: Siglo XXI Editores, 1969.
- GREEN, B.; BIGUM, C. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, T. T. da (Org). **Alienígenas na sala de aula** – uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis (RJ): Vozes, 2009. p. 208-243.

LEÃO, G. M. P. Experiências da desigualdade: os sentidos da escolarização elaborados por jovens pobres. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 31-48, jan/abril 2006.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

TAPSCOTT, D.. **Geração digital** – A crescente e irreversível ascensão da Geração Net. São Paulo: MAKRON Books, 1999.

VAN-ZANTEN, A. Cultura da rua ou cultura da escola. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.26, n.1, p.23-52, jan./jun. 2000.

YOUNG, M. Para que servem as escolas? **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 101, set/dez 2007, p. 1287-1302.